



Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

Anúncio Querigmático e Evangelização Fundamental

ISBN 978-85-60263-62-2



9788560 263622



Subsídios Doutrinais

4

Subsídios Doutrinais - 04

Coleção **Subsídios Doutrinais**

- 1 - Aparições e Revelações Particulares.
- 2 - A Teologia Moral em meio a Evoluções Históricas.
- 3 - Igreja Particular, Movimentos Eclesiais e Novas Comunidades.
- 4 - Anúncio Querigmático e Evangelização Fundamental.



CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL

Anúncio Querigmático e Evangelização Fundamental



C748a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil / Anúncio Querigmático e Evangelização Fundamental. Brasília, Edições CNBB. 2009.

Anúncio Querigmático e Evangelização Fundamental. CNBB.
40 p. : 14 x 21 cm
ISBN: 978-85-60263-62-2

1. Querigma, Anúncio 2. Evangelização 3. Missão 4. Igreja Católica 5. Catequese.

CDU - 268

1ª Edição - 2009

COORDENAÇÃO: Comissão Episcopal Pastoral para a Doutrina da Fé

COORDENAÇÃO EDITORIAL: Pe. Valdeir dos Santos Goulart

PROJETO GRÁFICO E CAPA: Fábio Ney Koch dos Santos

DIAGRAMAÇÃO: Henrique Billygran da Silva Santos

REVISÃO: Pe. Wilson Luís Angotti Filho

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita do autor - CNBB.

Edições CNBB

www.edicoescnbb.com.br

E-mail: vendas@edicoescnbb.com.br

Fone: (61) 2103-8383 - Fax: (61) 3322-3130

SE/Sul Quadra 801 - Cj. B - CEP 70200-014

Brasília - DF

SUMÁRIO

SIGLAS	6
APRESENTAÇÃO	7
INTRODUÇÃO	9
1. O anúncio querigmático hoje	9
2. A evangelização querigmática	11
3. O que é o querigma?	14
3.1. A proclamação do querigma	15
3.2. O conteúdo do querigma	16
3.3. O querigma como acontecimento de salvação	17
3.4. Proclamação e acolhida do querigma	18
3.5. O querigma na vida dos Apóstolos	20
3.6. O querigma no ensinamento recente da Igreja	24
4. A resposta ao querigma	26
4.1. A experiência da fé	28
4.2. A ética do discipulado	29
4.3. Compromisso missionário	31
5. A Comunidade Eclesial, formadora de discípulos missionários	32
5.1. Anunciar a fé não é tarefa opcional	33
5.2. Olhar a realidade com os olhos de discípulo missionário	34
5.3. Uma formação integral e processual	35
5.4. Formação bíblico-doutrinal	35
5.5. Cultivar uma enraizada paixão por Cristo	36
5.6. Alegria de ser discípulo missionário no anúncio do Evangelho de Jesus Cristo	37
6. Maria, apóstola do querigma	37
CONCLUSÃO	40

SIGLAS

CCE	Catecismo da Igreja Católica
DAP	Documento de Aparecida
DCE	<i>Deus Caritas est</i>
DGAE	Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil
DV	<i>Dei Verbum</i>
EN	<i>Evangelii Nuntiandi</i>
LG	<i>Lumen Gentium</i>
NMI	<i>Novo Millennio Ineunte</i>
RM	<i>Redemptoris Missio</i>

APRESENTAÇÃO

A Comissão Episcopal Pastoral para a Doutrina da Fé oferece mais uma contribuição para a sua Coleção Subsídios Doutrinários da CNBB: “Anúncio querigmático e evangelização fundamental”, realizando um dos seus importantes compromissos de incentivar e provocar crescimento e aprofundamento na reflexão teológica, iluminadora que deve ser da ação evangelizadora da Igreja. Ao cumprir, em espírito eclesial esta tarefa, na confecção deste texto, os membros da referida Comissão Episcopal Pastoral, contando com a colaboração de peritos e assessores, compreendem a importância da abordagem destas reflexões que têm como meta fomentar uma nova compreensão acerca de dinâmicas e caminhos para que a Igreja esteja, empenhadamente, em estado permanente de missão. O anúncio querigmático é referência, a partir dos escritos do Novo Testamento, não só em gênero literário; mas, sobretudo, é referência enquanto explicita dimensões muito profundas da experiência de fé que incendiou o coração dos primeiros discípulos e os fez incansáveis na tarefa alegre e missionária de anunciar o Evangelho da vida. O que se quer é proporcionar uma reflexão que aponte direções e caminhos para que o anúncio querigmático, enquanto gênero literário e enquanto experiência, envolvendo os diferentes evangelizadores e pregadores, possa manter uma linguagem capaz de provocar no coração dos ouvintes e destinatários aquela compunção provocada por Pedro, quando se dirigia à assembleia reunida. A força querigmática deste seu anúncio fez brotar a pergunta que respondida faz nascer o novo da experiência de fé em Jesus Cristo: “Irmãos, e nós, o que devemos fazer?” (At 2,37). A evangelização urge alcançar esta meta, abrindo e sensibilizando o coração humano para a experiência do discipulado no seguimento de Jesus Cristo.

Trata-se de uma verdadeira nova sensibilização, requerendo mudanças mais profundas e o cultivo de um testemunho pessoal e comunitário com a fecundidade da experiência da fé para fazer ecoar forte a voz dos mensageiros da paz e da Boa Nova do Reino.

Agradecidos por esta conquista que pretende ser serviço eclesial, suplicamos a Deus que sua graça fecunde nossos passos missionários;

+ Walmor Oliveira de Azevedo
Presidente da Comissão Episcopal Pastoral
para a Doutrina da Fé

INTRODUÇÃO

1. “Completo-se o tempo, e o Reino de Deus está próximo. Converti-vos e crede na Boa Nova” (Mc 1,15). O anúncio do Reino de Deus se faz, a exemplo de Jesus Cristo, por meio de uma pregação contínua e incansável da Palavra de Deus. Por isso, é permanente a necessidade de um anúncio querigmático, explícito e claro, do Senhor Jesus, sua pessoa e sua missão.
2. Hoje, também, estamos em tempos de missão. A tarefa missionária tem urgências e inclui respostas a perguntas importantes e desafiadoras. Quais métodos precisam, então, ser seguidos na proclamação do Evangelho, a fim de que sua força possa produzir os seus efeitos? Até que ponto e como esta força evangélica está em condições de transformar verdadeiramente o ser humano deste século? Estas perguntas explicitam a necessidade e o interesse pelo “primeiro anúncio”, pelo querigma, qual elemento basilar e determinante da experiência da fé, da vida e da missão da Igreja.
3. Portanto, urge investir no *anúncio querigmático* “para nos converter numa Igreja cheia de ímpeto e audácia evangelizadora” (DAp, n. 549), a fim de que, como os primeiros discípulos, nós cristãos de hoje recomeçemos a partir de Cristo, reconhecendo e seguindo sua presença, com a mesma realidade e novidade, com o mesmo poder de afeto, persuasão e esperança (cf. DAp, n. 549).

1. O anúncio querigmático hoje

4. Quando se pensa a missão da Igreja neste terceiro milênio, e se percebe que há um grande número de batizados

católicos que não foram evangelizados, bem como um grande número de pessoas que ainda não receberam o anúncio de Jesus Cristo, torna-se necessária a descoberta de novos caminhos e de novos métodos para a ação evangelizadora. Neste âmbito, portanto, é preciso ter presente e conhecer a tradição bi-milenar da Igreja com sua diversidade riquíssima e exemplar de como evangelizar.

5. Em nenhum caso e em nenhum método pode faltar a experiência de fé e o testemunho do evangelizador e da comunidade cristã. Sem a palavra e o exemplo de cristãos tocados no mais profundo de suas vidas pelo encontro com Jesus Cristo, os métodos mais detalhados e sofisticados podem significar muito pouco. É uma exigência e uma necessidade que a Palavra do Evangelho se torne palavra encarnada na vida daqueles que abraçaram a fé em Jesus como o Cristo, e o anunciam missionariamente.
6. A atenção à santidade do evangelizador, proposta pelo Papa João Paulo II ao indicar a santidade como prioridade pastoral para o terceiro milênio (cf. NMI, n. 30), conta e é determinante na ação evangelizadora. Somente no horizonte de uma vida pautada pelo seguimento de Cristo e pelo anúncio do seu nome é que o testemunho do cristão pode se tornar crível e despertar outros para o mesmo seguimento. Portanto, a ação evangelizadora da Igreja precisa qualificar-se na escola do discipulado e da missão (Cf. DAp, n. 170).
7. Diante da indiferença e do ceticismo hodiernos, são urgentes a proclamação do querigma e a força interpelante de um claro testemunho que desperte a esperança e ofereça uma certeza sobre o valor positivo da vida e do seu destino.

8. Jesus é o exemplo completo, o modelo fundamental. Seu Evangelho é anunciado por obras e palavras (cf. Lc 7,22). Ele percorre aldeias e cidades ensinando, curando, expulsando demônios e fazendo o bem (cf. Mt 4,23; 9,35; At 10,38). Sua fama atrai as pessoas até Ele. Jesus encontra-se diretamente com elas, e estas se sentem interpeladas e amadas. De modo semelhante, os apóstolos Pedro e Paulo, e as comunidades cristãs que se espalharam pelo mundo então conhecido, procedem desta maneira. Tocados pelo ardor da experiência de Cristo, anunciam-no destemidamente a todos. Tornam-se permanentes proclamadores do querigma, mestres e testemunhas de uma paixão que inundava toda a vida contagiando seus interlocutores e destinatários do anúncio. Por isso, tornam-se educadores e formadores de outros discípulos missionários.
9. A linguagem do querigma, portanto, há de expressar a novidade de um encontro que transforma e dá sentido à existência dos discípulos missionários. Assim, o evangelizador está permanentemente diante do desafio e da exigência de encontrar uma linguagem que, no estilo dos primeiros discípulos, interpele o ouvinte em seu coração, o entusiasme e o atraia a uma adesão firme e apaixonada a Jesus Cristo.

2. A evangelização querigmática

10. O exemplo dos Apóstolos, sobretudo de Pedro e Paulo, mostra que o *anúncio querigmático* é a primeira proclamação da Boa-Nova. O anúncio deve ser feito na força do Espírito Santo e baseado no testemunho pessoal. Não se trata, pois, de um anúncio decorado e recitado mecanicamente, mas de um anúncio encarnado na própria vida.

Consiste na proclamação de Jesus Cristo, morto e ressuscitado, como único salvador. De fato, todos aqueles que se salvam, tenham consciência desse fato ou não, salvam-se pela mediação de Jesus Cristo, o Filho de Deus.

11. A morte redentora de Cristo e sua ressurreição são componentes fundamentais do anúncio querigmático. Sem o anúncio da morte redentora não é possível compreender o “alto preço” da graça salvífica que provém do Filho de Deus, como nos recorda o apóstolo Pedro: “Tende consciência de que fostes resgatados da vida fútil herdada de vossos pais, não por coisas perecíveis, como a prata ou o ouro, mas pelo precioso sangue de Cristo, cordeiro sem defeito e sem mancha” (1Pd 1,18-19). Do mesmo modo, sem o anúncio da ressurreição de Cristo não é possível compreender o ardor missionário que incendiou a proclamação dos primeiros apóstolos, como se pode notar no discurso de Pedro em At 2,14-36.
12. A resposta ao anúncio querigmático é existencial, pois envolve toda a pessoa. Trata-se de uma verdadeira conversão por meio da qual ocorre o arrependimento dos próprios pecados e a adesão a Jesus Cristo, com a entrega da própria vida a Ele. Trata-se de um encontro pessoal. O início do ser cristão, afirmou Bento XVI, não consiste “em uma grande decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo definitivo” (cf. DCE, n. 1).
13. A vida em Cristo se realiza na comunidade de seus discípulos, que é a Igreja, na qual se ingressa pelo Batismo. A Igreja não é apenas uma instituição que considera Jesus de Nazaré seu fundador, mantém viva a lembrança dele e conserva sua mensagem. Ela é uma comunidade de graça

e de salvação. É o “Corpo de Cristo” (cf. 1Cor 12,27). Ela possui um centro vital e celebra sua presença: “pois onde dois ou três estiverem reunidos em meu Nome, eu estou no meio deles” (Mt 18,20). Nela está presente o Senhor glorificado, exercendo seu senhorio e seu poder salvífico. A Igreja é uma realidade muito rica, pois une o visível e o invisível, o humano e o divino, o institucional e a graça. “A Igreja não é uma corporação como o Estado, mas é um corpo. Não é simplesmente uma organização, mas um verdadeiro organismo” (Bento XVI, Audiência Geral de 10 de dezembro de 2008).

14. Além de ser um anúncio encarnado na vida, o *querigma* é um anúncio contextualizado. O contexto em que os primeiros missionários – os Apóstolos – realizaram o anúncio compreende a perseguição religiosa, a magia, a idolatria, a devassidão moral, o muro erguido entre os povos.
15. O contexto da realidade atual é marcado pela *globalização*, possibilitada pelo desenvolvimento da tecnologia e pela difusão e rapidez da comunicação. No mundo globalizado, a felicidade, além de ser entendida como bem particular, é colocada na busca de bens materiais. Torna-se sinônimo de consumo.
16. Outro elemento é a *sociedade urbana* que, na realidade, é uma nova civilização: novo modo de relação das pessoas entre si, com as coisas e com Deus. O homem urbano possui necessidades religiosas específicas: aspiração ao espiritual, ainda que vaga, necessidade de encontrar na religião força para enfrentar as dificuldades do cotidiano. Às vezes, o homem urbano procura, na religião, não a verdade, mas a utilidade: a libertação de todos os seus males.

3. O que é o querigma?

17. O querigma é a proclamação de um evento histórico-salvífico e, ao mesmo tempo, um anúncio de vida. Enquanto proclamação de um evento histórico, o querigma é o anúncio de que Jesus de Nazaré é o Filho de Deus que se fez homem, morreu e ressuscitou para a salvação de todos. Enquanto anúncio de vida, o querigma ultrapassa os limites de tempo e de espaço, abraça toda a história e oferece aos homens uma esperança viva de salvação. Cristo está vivo e comunica a sua vida realizando as promessas feitas por Deus Pai a seu povo, por meio dos profetas, no Antigo Testamento (Cf. Rm 16,25-27; Mt 12,41; Lc 11,32).
18. O querigma é o anúncio do nome, do ensinamento, da vida, das promessas, do Reino e do mistério pascal de Jesus de Nazaré, Filho de Deus (cf. EN, n. 22), que acompanha todo o processo da evangelização. As demandas e desafios deste anúncio é que reacendem na Igreja, em cada etapa de sua história, a urgência da tarefa missionária. Isto é, o desafio de ser uma Igreja em estado permanente de missão.
19. O querigma é anúncio e proclamação para suscitar a fé nos ouvintes e manter acesa sua chama, de modo que acolhendo Jesus como Filho de Deus, Senhor e salvador participem da sua própria vida, da vitória sobre a morte, e alcancem, assim, a vida eterna (cf. Jo 20,31).
20. O querigma é um anúncio pelo qual se atualiza a irrupção do Espírito de Deus que transforma a face da terra e converte os corações. Para os judeus e para os gregos do início do cristianismo, como para muitas pessoas do nosso tempo, esta mensagem pode parecer loucura ou

escândalo (cf. 1Cor 1,2-10), porque baseada não na arte retórica dos homens, nem na sabedoria deste mundo, mas somente no poder do Espírito Santo (At 2,4). Com efeito, o anúncio e a experiência da fé se baseiam “no poder de Deus e não na sabedoria humana” (1Cor 2, 5). Por meio do querigma, pois, um fato novo acontece na história: a salvação é oferecida.

21. O querigma é o anúncio da chegada do Reino de Deus na pessoa de Jesus, realizando o ideal da justiça ardentemente desejado pela humanidade. A soberania de Deus, cheia de misericórdia, se manifesta em Jesus Cristo (cf. 1Cor 1,13; 2Cor 3,9; 5,21; Ef 4,24; Fil 1,11) e se traduz no amor aos pecadores, aos pobres e àqueles que se reconhecem necessitados.

3.1. A proclamação do querigma

22. A Palavra tem uma força própria e um dinamismo transformante porque é Boa Nova proposta à liberdade da pessoa, convidando-a a uma resposta; o querigma interpela e realiza um diálogo. Por meio do querigma, o próprio Senhor entra em diálogo vital com a liberdade das pessoas.
23. Acolher o querigma significa abrir-se ao mistério de Cristo, que vem ao encontro da pessoa como Senhor e Salvador, reconhecendo somente a sua soberania. A adesão ao querigma introduz o discípulo no Reino de Deus.
24. A proclamação do querigma faz parte do ato de comunicar a Boa Nova de Jesus Cristo. O Diretório Geral para a Catequese, da Congregação para o Clero, identifica três formas deste ato de comunicação: o primeiro anúncio,

que desperta a fé (*querigma*); o conhecimento sistemático e a adesão progressiva a Jesus (*catequese e ensino*); a dimensão litúrgica da proclamação da Palavra, que implica em um juízo sobre as dificuldades da vida (*perseguições*) e nas circunstâncias quotidianas (*homilia*). Assim, o querigma comporta o primeiro anúncio, que desperta a fé inicial em Jesus Cristo como o Senhor.

3.2. O conteúdo do querigma

25. Além de ser um ato de comunicação, o querigma oferece um conteúdo que é proclamado: Cristo crucificado e ressuscitado, força e sabedoria de Deus (1Cor 1,23-24), que transforma e salva a vida. Pedro, nos Atos dos Apóstolos, é o primeiro que, por ocasião da festa judaica de Pentecostes (cf. At 2,14-41), proclama a Boa Nova, quando anuncia aos judeus e a todos os habitantes de Jerusalém que Jesus é o Senhor e Cristo.
26. O querigma tem um caráter imperioso e expansivo que não é possível sem uma profunda e contagiante experiência de Deus. As aparições do Senhor Ressuscitado, documentadas por uma antiquíssima tradição (1Cor 15,3-7), produziram um impacto irrefreável devido à experiência do encontro com o Mestre, que volta gloriosamente à vida depois de ter sido crucificado e morto. O querigma é inseparável desta experiência de vida, pois anuncia Cristo presente que nos faz participar de sua vitória sobre a morte. Aos Doze, Jesus confia o mandato: ide e anunciai (cf. Mc 16,15) e, por meio deles, a todos os demais seguidores, de modo que essa mensagem chegue a todos, em todos os tempos. A experiência pascal suscita o envio de pessoas que reconhecem no

Senhor ressuscitado a resposta plena às suas necessidades e ao desejo infinito de vida de seus corações.

27. O conteúdo do querigma não é um simples discurso ou uma exortação moral; é a proclamação de um acontecimento de vida e de salvação que se dá agora, no presente dos ouvintes. Este conteúdo proclama uma pessoa, Jesus Cristo, esta proclamação provoca e abre caminhos para uma experiência de encontro pessoal e apaixonado por Ele. Este conteúdo não é a simples explicitação de conceitos. É, antes de tudo, uma experiência que toca a liberdade, reorienta as escolhas e dá sentido verdadeiro à vida.

3.3. O querigma como acontecimento de salvação

28. O querigma alcança a pessoa como acontecimento de salvação, ilumina-a e transforma a sua vida e o ambiente no qual ela vive. O anúncio é uma proposta de libertação atual e real (Rm 6, 4) que se comunica por meio daquele que proclama o nome de Jesus, fonte do perdão dos pecados para todas as pessoas e povos (Mt 12,21). O anúncio proclama um acontecimento: o Reino como uma realidade já presente (Mt 11,4-6; 12,28; 13,10-11; Mc 1,5; Lc 17,20-21). Pelo nome de Jesus se faz atual a obra de salvação comunicando a sua vitória de Senhor ressuscitado e fonte do Espírito Santo (At 2,32-33; Ef 1,13-14). O querigma é a comunicação da presença de Cristo, em vista da salvação de todos.
29. A consciência missionária da primeira comunidade cristã era vivíssima e a necessidade do anúncio era um fato urgente e indispensável como fonte de salvação. Jesus de Nazaré recebeu um nome que está acima de todo nome, foi constituído “Senhor” de tudo o que existe nos céus e

sobre a terra (At 2,36; Fl 2,11). Acolher o nome de Jesus é participar de sua vida e de sua vitória.

30. A Igreja vive da fé pascal, originada pelas aparições do Ressuscitado aos discípulos (cf. Lc 24,25-35; Jo 20,26-28) e animada pelo Espírito Santo. O “novo povo de Deus”, a Igreja, vive desta fé que é a razão de sua esperança. Sua missão é servir ao anúncio de Jesus Cristo que ressuscitado comunica esta vitória a toda a criação (cf. Mt 28,16-20). Os discípulos não inventaram a ressurreição, mas a reconheceram como dom supremo do Pai que, em Jesus ressuscitado, faz novas todas as coisas (Ap 21,5).

3.4. Proclamação e acolhida do querigma

31. A forma própria do anúncio do querigma é a proclamação feita àqueles que não têm fé, ou aos que se afastaram dela e não a consideram uma experiência que interesse efetivamente à própria vida. A proclamação do querigma tem ainda todo um espaço específico na vida da Igreja, ainda que não possa ser separada do ensino (catequese) e da pregação, particularmente aquela feita na homilia.
32. A acolhida do querigma produz a salvação e a mudança das pessoas; foi o que aconteceu com os Apóstolos, com Zaqueu, com Madalena e com muitos outros. Acolhendo o nome, isto é, a pessoa e o poder de Cristo, a vida muda e, progressivamente, quem O acolheu torna-se verdadeiramente cristão.
33. O poder do Espírito produz mudança na pessoa e a faz proclamar o querigma até os confins da terra. Juntam-se assim os elementos essenciais do querigma: a proclamação do anúncio como convite à conversão; o

conteúdo do próprio querigma, que é o núcleo da revelação; e o testemunho do apóstolo que se deixa tocar pela ação de Deus e que comunica aos outros o poder que transforma sua vida.

34. O querigma é um anúncio envolvente e provocador. Pede uma resposta na qual se decide o rumo da vida do ouvinte. O querigma questiona a autossuficiência do homem e, no momento em que este se decide a seguir o caminho de Cristo, lhe é oferecida a possibilidade de uma vida plena. Este anúncio é a pregação a respeito da cruz que é loucura para aqueles que se perdem, mas, para nós, que estamos no caminho da salvação é força de Deus (cf. 1Cor 1,18). De um lado se relativiza o poder deste mundo, de outro é dada uma resposta ao desejo de realização da pessoa; agora de forma verdadeira ainda que inicial e, no futuro, de forma plena, quando Deus for “tudo em todos” (cf. 1Cor 15,28; Cl 3,11).
35. A consequência prática da acolhida do querigma se traduz no seguimento daquele que disse: “Eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância” (Jo 10,10). A fé na ressurreição é o ponto culminante da fé em Deus criador, autor e supremo doador da vida. Crer na ressurreição não é acréscimo à fé em Deus Pai criador, mas é consequência desta fé. A partir da fé na ressurreição de Jesus Cristo, o cristão crê firmemente, que é a vida, não a morte, que tem e terá a última palavra. É a fé na vitória da vida, vitória já conquistada por Cristo e, também, a certeza de que a morte já foi derrotada, não tem futuro. Esta é a perspectiva que sempre anima os mártires e seduz o coração dos místicos e profetas. Os que acreditam na força da ressurreição seguem os passos de Jesus, profetizando o Reino de Deus,

Reino de amor na dimensão do serviço a Deus e ao próximo, à causa da justiça e da paz. Reino que se inicia aqui e consoma-se na eternidade. Os cidadãos do Reino são os que acolhem a pregação da cruz e da ressurreição e seguem, fascinados, o Senhor Jesus, vivendo a vida nova da caridade.

3.5. O querigma na vida dos Apóstolos

36. Na vida dos apóstolos, a partir do encontro com Jesus ressuscitado, acontece uma mudança profunda. Eles, antes medrosos e tímidos, tornam-se agora corajosos e ardorosos. Proclamam sem medo e a todos a Boa Nova: “Não podemos deixar de falar sobre o que vimos e ouvimos” (At 4,20). A ressurreição é para os apóstolos a experiência de algo que responde plenamente às perguntas e às expectativas de seus corações. Eles se convertem porque experimentam algo completamente novo: uma certeza e uma esperança para suas vidas. Experimentam a libertação de qualquer escravidão, inclusive do pecado e da morte. Tornam-se, assim, contagiantes anunciadores com a força de sua palavra e com a fecundidade do seu testemunho.
37. De fato, Jesus os escolheu para ficarem com Ele e serem testemunhas de sua ressurreição. Para isso foram revestidos da força do Espírito Santo e enviados ao mundo inteiro. Pela ação do Espírito, o Ressuscitado toca o coração das pessoas para que acolham a Boa Nova. A colaboração da liberdade, que se abre ao amor de Deus é indispensável no seguimento de Cristo. A iniciativa é de Deus que, por sua graça, atrai e chama a pessoa a aderir ao Ressuscitado. Nasce, assim, o discípulo missionário: alguém

fascinado pelo amor de Cristo, desejoso de corresponder a este amor e apaixonado por transmiti-lo aos outros, incansável no trabalho de sua promoção e anúncio.

38. O querigma atua por meio do testemunho dos apóstolos e se torna eficaz pela força do Espírito Santo. As pessoas que estavam em Jerusalém, representando todos os povos da terra, tocadas pelo testemunho dos Apóstolos e pela força do Espírito, perguntavam: “Irmãos, que devemos fazer?” (At 2,37). Pedro responde e indica o caminho da conversão e do Batismo em nome de Jesus Cristo, para o perdão dos pecados, dizendo-lhes: “e recebereis o dom do Espírito Santo” (At 2,38).
39. O anúncio do nome de Jesus não é palavra vazia, mas proporciona o contato com o Salvador e produz uma profunda mudança de vida. Como no início da pregação apostólica, hoje também é necessário dar testemunho do Senhor que toca a vida, a transforma, enchendo-a de alegria e de paz. Os fiéis experimentam a vida do Senhor Ressuscitado, acolhendo sua palavra e a graça do encontro pelo Batismo, quando se tornam filhos queridos de Deus: “A quantos, porém, a acolheram, deu-lhes poder de se tornarem filhos de Deus: são os que crêem no seu nome” (Jo 1,12).
40. Aqueles que são contagiados pela ressurreição de Cristo e dela participam, por meio da fé e do Batismo, formam o corpo que tem por cabeça o próprio Senhor Jesus e por alma o Espírito Santo. A ressurreição permanece atual no Corpo de Cristo que é a Igreja: “Todos nós, judeus ou gregos, escravos ou livres, fomos batizados num só Espírito, para formarmos um só corpo, e todos nós bebemos de um único Espírito” (1 Cor 12,13). Vós todos sois o corpo de Cristo e, individualmente, sois membros desse corpo”

(1 Cor 12,27). Este corpo que é a Igreja é alimentado pela Eucaristia, vínculo de comunhão fraterna.

41. A ressurreição deve ser anunciada como esperança para todos. Por meio da Igreja, Cristo se torna próximo às pessoas, comunicando seu amor, sua misericórdia e a vitória sobre o mal. Assim, o destino dos homens de todas as raças, condições culturais e sociais, é abraçado e transfigurado pela força incomensurável da ressurreição.
42. Também é parte do anúncio esta mudança que o Senhor torna possível na comunhão do seu corpo, a Igreja, na qual se experimenta a beleza de sua presença. A felicidade é a experiência do cêntuplo que, mesmo em meio às perseguições, começa nesta vida e se torna plena na eternidade (cf. Mc 10,28-30).
43. O testemunho dos apóstolos decorre da experiência pascal. Destaca-se, primeiramente, a pregação de Pedro que, em diversas situações, anunciou a morte e a ressurreição de Jesus como salvação oferecida a todos. Em Pentecostes, Pedro proclama e convoca às pessoas das diversas nações reunidas em Jerusalém que reconheçam a Jesus como Senhor e Cristo (At 2,22-36). Em seu segundo discurso nos Atos dos Apóstolos (3,12-26), Pedro exorta os seus ouvintes ao arrependimento e à conversão a fim de acolherem Jesus como o Cristo. Diante do Sinédrio, apresenta um testemunho corajoso de sua fé em Jesus ressuscitado, anunciando que “em nenhum outro há salvação, pois não existe debaixo do céu outro nome dado à humanidade pelo qual devamos ser salvos” (At 4,12).
44. Ao lado dos que responderam à pregação dos apóstolos, com acolhida da salvação em Cristo, verifica-se a recusa por

parte do Sinédrio (At 4,15-20; 5,33). Entretanto, diante da reação negativa dos chefes do povo, os apóstolos não se intimidam e nem desanimam, mas continuam a anunciar vigorosamente o querigma. Assim ocorre com Filipe ao encontrar-se com o eunuco etíope. Diante de suas indagações, interessado em saber de quem falava o profeta Isaías no cântico do capítulo 53, Filipe começou a falar e, partindo dessa passagem da Escritura, anunciou-lhe Jesus Cristo (cf. At 8,26-40). O efeito deste anúncio foi o pedido do etíope: “Aqui temos água. Que impede que eu seja batizado?” (At 8,36).

45. Além do anúncio e testemunho dos apóstolos, encontra-se o testemunho eloquente de novos seguidores do Caminho (cf. At 9,1-2; 11,19-26). Estevão confirma com a força de sua pregação e com o martírio que Jesus Cristo não estava morto, mas ressuscitado: “Estou vendo o céu aberto e o Filho do Homem, de pé, à direita de Deus” (At 7,56).
46. O próprio Pedro tem uma pregação original quando, na cidade de Jope, antigo porto da Palestina central, fala aos não-judeus ou gentios (At 10,34-43). Ambos os discursos apresentam o conteúdo básico do querigma, com sua força interpelante e envolvente, como se anunciava nas comunidades primitivas. A Boa Nova é Jesus de Nazaré como Messias ressuscitado, juiz dos vivos e dos mortos.
47. O anúncio fundamental da pregação dos apóstolos mudou a vida de Paulo e o transformou de perseguidor implacável (At 9,1) em evangelizador exemplar (I Cor 9,16). No caminho de Damasco, o primeiro contato com o Senhor revelou a fragilidade da condição de Saulo e marcou o início de sua conversão. Além do encontro pessoal com o Senhor (1 Cor 15,8), foi muito importante para a conversão de Paulo a comunidade cristã que o acolheu e o

conduziu ao Batismo (cf. At 9,18-20). A força de seu testemunho deixou confusos os judeus que não entendiam a sua conversão e seu anúncio: “Jesus é o Cristo” (At 9,22). O anúncio convicto feito por Paulo foi fruto do seu encontro pessoal com Jesus ressuscitado. A partir desta experiência originária, Paulo compreendeu a importância decisiva da ressurreição de Cristo: “Se Cristo não ressuscitou, a vossa fé não tem nenhum valor e ainda estais nos vossos pecados” (1 Cor 15,17).

48. Com base na experiência da ressurreição de Cristo, a Igreja sustenta, já a partir dos primeiros convertidos, que nossa esperança é ressuscitar um dia com Cristo. A mensagem é clara: todos os que cremos seremos ressuscitados com Cristo, pois “se Cristo não ressuscitou, a nossa pregação é sem fundamento, e sem fundamento também é a nossa fé” (1Cor 15,14).
49. A obra evangelizadora de Paulo suscitou muitos outros discípulos e discípulas, mostrando a força do anúncio querigmático para a adesão de novos seguidores do caminho de Jesus (Rm 16). Também nas comunidades paulinas o conteúdo do querigma é a proclamação do fato segundo o qual o Filho de Deus, “chegada a plenitude dos tempos, nasceu de mulher” (Gl 4,4), morreu, foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia (cf. 1Cor 15,3-5; Rm 4,24-25) e foi constituído Senhor de tudo o que existe nos céus e na terra (Fl 2,11). Em seu nome é dado o perdão dos pecados e a salvação a todos aqueles que creem (Rm 10,9).

3.6. O querigma no ensinamento recente da Igreja

50. O Concílio Vaticano II, sempre atual, acentua a relação entre Escritura, Tradição e Magistério (cf. DV, nn. 7-10),

a fim de garantir a integridade do querigma e sua destinação a todos os povos e gerações. O anúncio querigmático na Igreja, Povo de Deus, nasce do seio da Santíssima Trindade (cf. LG, nn. 1-4). Reavivar hoje o anúncio desse mistério fontal, além de estimular a adoração do mistério do amor de Deus, deve ajudar a Igreja a recuperar de modo incisivo a comunhão que define sua identidade e missão.

51. O Catecismo da Igreja Católica, seguindo o ensino secular do Magistério da Igreja, fundamenta a possibilidade de falar de Deus a todos os homens, porque o homem e a mulher, criados à imagem e semelhança de Deus, são “capazes” de Deus (CCE, nn. 27-38); ao mesmo tempo, é Deus quem vem ao encontro do ser humano (CCE, nn. 50ss).
52. A *Evangelii Nuntiandi* (1975), documento fundamental do pós-Concílio, caracteriza o anúncio querigmático como dever que incumbe à Igreja por mandato do Senhor Jesus; como mensagem necessária, única e que não pode ser substituída, não admite sincretismo nem acomodação. É vocação própria da Igreja e sua missão essencial. É sua mais profunda identidade. No centro da mensagem deste anúncio querigmático está a salvação em Jesus Cristo, apontando ainda para os laços profundos existentes entre evangelização e promoção humana, desenvolvimento e libertação (cf. EN, nn. 5; 14; 21-23; 27; 31).
53. A *Redemptoris Missio* (1990), falando do anúncio querigmático, acentua que Jesus é o único Salvador; que a fé em Cristo é uma proposta à liberdade do homem; que a salvação é oferecida a todos. O objeto do primeiro anúncio, que é central e insubstituível, é Cristo crucificado, morto e ressuscitado. Este anúncio nunca

é um fato individual, pois é feito em união com toda a comunidade eclesial por força de um mandato recebido, visando a conversão (cf. RM, nn. 4-11; 44-45).

54. O *Documento de Aparecida* fala da necessidade de “uma formação integral, querigmática e permanente” que “compreende várias dimensões, todas harmonizadas entre si em unidade vital”. “O poder do Espírito e da Palavra contagia as pessoas e as leva a escutarem Jesus Cristo, a crer nele como seu Salvador, a reconhecê-lo como quem dá pleno significado às suas vidas no seguimento de seus passos. O anúncio se fundamenta, pois, no fato da presença de Cristo Ressuscitado hoje na Igreja, e é fator imprescindível do processo de formação de discípulos e missionários” (Dap, n. 279).
55. A Igreja no Brasil tem insistido que o anúncio é uma das exigências intrínsecas da evangelização: “O centro e o ápice do dinamismo missionário da comunidade eclesial há de ser sempre uma proclamação clara que, em Jesus Cristo, Filho de Deus feito homem, morto e ressuscitado, a salvação é oferecida a todos os homens como dom da graça e da misericórdia do mesmo Deus” (cf. EN, n. 27; DGAE -2008-2010, n. 51).

4. A resposta ao querigma

56. A experiência inaudita do encontro com o Ressuscitado reanima os corações dos discípulos, despertando-lhes a memória da vida e da missão de Jesus. Quando a Igreja, hoje, continua sua missão evangelizadora, ela precisa contar com homens e mulheres que, como os primeiros discípulos, vivam uma forte experiência de encontro com o Senhor; uma experiência que envolva toda a vida e lhe

dê sentido. Essa experiência de encontro com o Senhor inclui a escuta da mensagem e a conversão do coração a Cristo. Assim, o evangelizador pode e deve tornar-se um mistagogo, alguém que sabe introduzir outros na fé cristã, nos mistérios de Cristo e da Igreja.

57. No processo inicial da evangelização, o ponto de partida é o fascínio pela pessoa de Jesus Cristo e a Boa Nova do Reino de Deus, como resposta plena aos mais profundos anseios humanos, levando os discípulos e discípulas a abraçarem, com amor e paixão, as exigências éticas do cristianismo.
58. A resposta e acolhida do anúncio querigmático se expressam e se comprovam na conversão, que implica, pois, na adesão à pessoa de Jesus Cristo e na disposição de segui-Lo no caminho. A conversão se expressa no arrependimento dos pecados, na aceitação do Batismo, que marca o ingresso na Igreja, comunidade dos discípulos de Cristo, incumbida do anúncio e testemunho do Evangelho.
59. Jesus ressuscitado, mediante o dom do seu Espírito, reorienta a vida dos seus discípulos. Esta experiência acontece na medida em que o discípulo se dispõe a percorrer, na vida concreta, o mesmo caminho do seu Mestre e Senhor; nasce assim, uma profunda intimidade que alimenta e transforma o coração do discípulo pela força amorosa do coração de Jesus ressuscitado. A compreensão e a inserção nesta realidade dão ao discípulo a condição missionária, o empenho da caridade em favor da vida, a coragem da mudança e a perseverança a caminho do Reino definitivo.
60. A conversão e o Batismo são a participação no mistério da morte e ressurreição de Jesus Cristo, que é fonte

inesgotável na qual o discípulo mergulha, recebe a vida nova e se encoraja. O seguidor de Jesus Cristo se nutre da fé. A partir da experiência do encontro pessoal com Cristo Ressuscitado, ele compreende que o sofrimento, a dor e a morte foram definitivamente vencidas na cruz e ressurreição. No seguimento de Jesus, o discípulo é associado e configurado com a vida, morte e ressurreição do seu Mestre e Salvador.

4.1. A experiência da fé

61. O encontro com Jesus Cristo suscita uma profunda experiência de fé, que confere aos discípulos uma insuperável inteligência da verdade e do amor de Deus. Uma compreensão nova ilumina suas vidas e os insere no coração amoroso de Jesus redentor. Os evangelhos apresentam alguns exemplos:
62. O centurião romano acompanhava a crucificação de Jesus (Mc 15,33-39). Olhando Cristo na cruz, seu coração foi tocado e sua inteligência se abriu e seus lábios professaram: “Na verdade, este homem era filho de Deus!” (Mc 15, 39). No momento trágico e confuso que vivia, ele abriu-se para o horizonte novo da verdade, cuja expressão se manifesta com sua profissão de fé.
63. Os discípulos de Emaús (Lc 24,13-35). O coração dos discípulos ardia enquanto ouviam o Mestre. A Palavra do Ressuscitado abre a inteligência também pela significação de uma presença que preenche o coração de amor. Brota uma nova compreensão capaz de superar o desalento. A alegria experimentada no reencontro aciona o impulso missionário e os discípulos voltam correndo para anunciar aos outros a Boa Notícia, o evangelho da vida. A compreensão

e a experiência de assimilar os gestos de Jesus comunicam a novidade de quem se fez discípulo do Senhor.

64. Tomé e os outros discípulos (Jo 20,19-29). A missão do discípulo nasce e se alimenta da única e mesma missão de Cristo. O Ressuscitado dá aos discípulos o dom por excelência, o Espírito Santo. Com uma advertência e convocação, sublinha: “Como o Pai me enviou, também eu vos envio” (Jo 20,21). O envio em missão é sustentado pela ação amorosa e invisível do Espírito Santo. A experiência e a inserção na comunidade balizam a abertura para receber o dom do Espírito, aquele que capacita verdadeiramente para a missão, a mesma missão de Jesus Cristo: evangelizar!

4.2. A ética do discipulado

65. Aderindo a Jesus Cristo, o discípulo assume como norma de conduta o exemplo e o caminho do Mestre. Nas diversas circunstâncias da vida, o Evangelho deverá orientar o seu agir. Ser discípulo é viver o permanente esforço e o desafio de assimilar um modo de ser apreendido na escuta e no seguimento do Senhor.
66. Pedro é convidado por Jesus a pensar conforme Deus, e a deixar-se guiar pela luz da fé, submetendo seus projetos ao juízo da cruz de Cristo (Mc 8,31-38). É fundamental para a conduta nova do discípulo de Cristo oferecer a própria vida pelo Senhor e pelo Evangelho. Viver de modo oblativo é o que confere ao discípulo novos traços para relacionar-se com Deus, com as pessoas e com as diferentes situações.
67. No seguimento de Jesus, o maior é aquele que serve (Mc 9, 30-37). Jesus mesmo, se apresenta “como aquele que serve” (Lc 22, 27). A vida cristã educa para uma nova

- dinâmica nas relações sociais, superando a busca do poder e do domínio sobre os outros, para assumir a atitude da permanente diaconia como estilo evangélico de vida.
68. O discípulo aprende de Jesus a enxergar a vida como um dom a ser doado (Mc 10,32-42). Aos filhos de Zebedeu, que buscam privilégios, Jesus responde: “não sabeis o que estais pedindo” (Mc 10,38). O discípulo precisa compreender a vida como o Mestre, libertar-se do desejo do poder e assumir a atitude de Jesus, que é servir e doar a própria vida. O discípulo é chamado à consciência de que, no seguimento de Jesus, ele pode encontrar o martírio, que é a identificação com a morte do Senhor.
 69. A experiência do encontro com o Cristo Ressuscitado dá largueza ao coração dos discípulos, tocando o mais profundo de suas vidas e suscitando um jeito novo de ser e de viver. Uma conduta marcada pela capacidade nobre de fazer da própria vida um dom para os outros, especialmente, na comunidade, pela comunhão e pela partilha. “Eles eram perseverantes em ouvir os ensinamentos dos apóstolos na comunhão fraterna, na fração do pão e nas orações. Todos os que abraçavam a fé viviam unidos e possuíam tudo em comum; vendiam suas propriedades e seus bens e repartiam o dinheiro entre todos, conforme a necessidade de cada um” (At 2,42.44-45; 4,32-37).
 70. O apóstolo Paulo, com sua maestria, situa o discípulo na compreensão da doutrina da fé, com o rico acervo de suas cartas, sustentando e inspirando o discípulo de Jesus Cristo com exortações e admoestações, que o levam a assumir uma conduta digna de sua condição: “Eu vos exorto, irmãos, pela misericórdia de Deus, a oferecerdes vossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus: este

é o vosso verdadeiro culto. Não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos, renovando vossa maneira de pensar e julgar para que possais distinguir o que é da vontade de Deus; a saber, o que é bom, o que lhe agrada, o que é perfeito” (Rm 12,1-2). Assim ele mostra, largamente na sua pregação, “um caminho incomparavelmente superior” (I Cor 12,31), o caminho do amor (I Cor 13,1-13), com desdobramentos que têm força de transformação na conduta pessoal e na vida da comunidade de fé.

71. O discípulo que vivencia a força envolvente e transformadora da ressurreição do Senhor Jesus alarga o seu coração e se capacita por uma conduta com traços e dinâmicas muito próprias. A Carta de Tiago congrega uma riqueza de indicações éticas e morais, apontando horizontes largos para a especialização do modo de viver e conviver, tendo especialmente presentes os pobres, os simples e aqueles que precisam ser reconduzidos à verdade e ao amor: “Saíbeis, meus caríssimos irmãos, que cada um deve ser pronto para ouvir, mas lento para falar e lento para se irritar. Pois aquele que se encoleriza não é capaz de realizar a justiça de Deus. Por esta razão, rejeitai toda impureza e todos os excessos do mal, mas recebei com mansidão a Palavra que em vós foi implantada, e que é capaz de salvar-vos. Todavia, sede praticantes da Palavra e não meros ouvintes, enganando-vos a vós mesmos” (Tg 1,19-22).

4.3. Compromisso missionário

72. Ao chamar discípulos para o seguirem, Jesus lhes dá uma missão muito precisa: anunciar o Evangelho do Reino a todas as nações (cf. Mt 28,19; Lc 24,46-48). Por isso, todo discípulo é, necessariamente, missionário.

Jesus faz o discípulo partícipe de sua missão, ao mesmo tempo em que o vincula a si como amigo e como irmão. Dessa maneira, como Ele é testemunha do mistério do Pai, assim os discípulos são testemunhas dele diante de todos os povos. Cumprir essa missão não é tarefa opcional, mas parte integrante da identidade cristã, porque é a extensão testemunhal da própria vocação (cf. DAp, n. 144). A maior alegria do discípulo é colocar-se a caminho para anunciar a boa nova do Evangelho, indo incansavelmente ao encontro dos outros, especialmente dos pobres e sofredores, e daqueles que estão distantes da experiência do seguimento de Jesus.

73. Jesus garante a sua presença e auxílio aos discípulos, não os deixando desamparados (Mt 28,20). O discipulado é vivido na comunidade eclesial guiada pelo Espírito Santo, o mestre interior que conduz ao conhecimento da verdade plena, e faz da Igreja formadora de discípulos missionários. Essa é a razão pela qual os seguidores de Jesus se deixam guiar constantemente pelo Espírito (cf. Gl 5,25). A paixão de Jesus pelo Pai e pelo Reino torna-se também paixão dos discípulos e se expressa em: “anunciar a Boa Nova aos pobres, curar os enfermos, consolar os tristes, libertar os cativos” (Lc 4,16-21; Cf. DAp, n. 152)

5. A Comunidade Eclesial, formadora de discípulos missionários

74. “A vocação ao discipulado missionário é con-vocação à comunhão em sua Igreja. Não há discipulado sem comunhão” (DAp, n. 156). Este é um chamado à compreensão de que a fé em Jesus Cristo chega através da comunidade eclesial como comunidade de amor, com a missão de atrair

as pessoas e os povos para Cristo. “No exercício da unidade desejada por Jesus, os homens e mulheres de nosso tempo se sentem convocados e recorrem à formosa aventura da fé. ‘Que também eles vivam unidos a nós para que o mundo creia’ (Jo 17,21). A Igreja cresce não por proselitismo, mas por atração: como Cristo ‘atrai tudo para si’ com a força do seu amor. A Igreja atrai quando vive em comunhão, pois os discípulos de Jesus serão reconhecidos pelo amor que tiverem uns pelos outros, à semelhança do amor do Senhor (cf. Rm 12,4-13; Jo 13,34)” (DAP, n. 159).

75. A fé em Jesus Cristo, a ser anunciada, é oferecida e alimentada pela comunidade eclesial (cf. DAP, n. 156) presente na diocese, a primeira promotora e orientadora da formação cristã, na paróquia, nas comunidades eclesiais de base, nas pequenas comunidades, nos movimentos, nas associações e na família, a primeira escola da fé.
76. A comunidade eclesial, formadora de discípulos missionários é chamada a oferecer a todos os fiéis um anúncio querigmático por meio do qual se promova um encontro pessoal com Jesus Cristo, uma experiência religiosa profunda e intensa em função de uma mudança de vida integral (cf. DAP, n. 226a). Este anúncio querigmático requer a observância de alguns critérios fundamentais para garantir-lhe eficácia e fecundidade:

5.1. Anunciar a fé não é tarefa opcional

77. “Conhecer a Jesus Cristo pela fé é nossa alegria; segui-Lo é uma graça, e transmitir este tesouro aos demais é uma tarefa que o Senhor nos confiou ao nos chamar e nos escolher” (DAP, n. 18). Esta tarefa missionária não é opcional, porque “somos missionários para proclamar o Evangelho de

Jesus Cristo e, nEle, a Boa Nova da dignidade humana, da vida, da família, do trabalho, da ciência e da solidariedade com a criação” (DAp, n. 103). Não é tarefa opcional por ser “parte integrante da identidade cristã porque é a extensão testemunhal da vocação mesma” (DAp, n. 144). “Quando cresce no cristão a consciência de pertencer a Cristo, em razão da gratuidade e alegria que produz, cresce também o ímpeto de comunicar a todos o dom desse encontro. A missão não se limita a um programa ou projeto, mas é compartilhar a experiência do acontecimento do encontro com Cristo, testemunhá-lo e anunciá-lo de pessoa a pessoa, de comunidade a comunidade e da Igreja a todos os confins do mundo (cf. At 1,8)”(DAp, n. 145).

5.2. Olhar a realidade com os olhos de discípulo missionário

78. O discípulo missionário enviado a anunciar o Evangelho do Reino da vida (cf. DAp, n. 143), encontra-se em ambientes nos quais há muitas vezes contra-valores que se opõem aos valores do Evangelho. Ao voltar-se para a realidade em que está inserido, o discípulo missionário é chamado a tornar visível o amor misericordioso do Pai, especialmente para com os pobres e pecadores, sem fechar os olhos à realidade urgente dos grandes problemas econômicos, sociais e políticos da América Latina e do mundo (cf. DAp, n. 148). Sua atenção à realidade torna-se um autêntico testemunho de que sem Cristo não há luz, não há esperança, não há amor, não há futuro (cf. DAp, n. 146). Essa é a tarefa essencial da evangelização, que inclui a opção preferencial pelos pobres, a promoção humana integral e a autêntica libertação cristã (cf. DAp, n. 146). Só quem é apaixonado por Jesus Cristo tem força para renovar estruturas, dinâmicas e corações.

5.3. Uma formação integral e processual

79. Alcançar a medida da vida nova em Cristo, identificando-se profundamente com Ele e sua missão, é um caminho longo que requer itinerários diversificados, respeitosos dos processos pessoais e dos ritmos comunitários, contínuos e graduais (cf. DAp, n. 281). Estes itinerários, contudo, para serem completos, precisam envolver o conhecimento da fé (“eu creio”), a celebração dos mistérios da fé (“eu celebro” – Liturgia) e a prática da fé que se expressa nas virtudes e na vida moral (“eu vivo”).
80. Neste percurso, a comunidade eclesial é chamada a oferecer ao discípulo missionário uma formação para a identidade católica atenta às diversas dimensões: humana e comunitária, espiritual, intelectual, pastoral e missionária. O conteúdo central para esta formação encontra-se na Sagrada Escritura, lida e interpretada à luz da fé da Igreja e no Catecismo. Essa formação integral e processual que ocorre no seio de uma comunidade concreta, por meio da experiência da fé - amadurecida pela vivência da pertença eclesial, da comunhão e dos Sacramentos - tem como horizonte a ação missionária.

5.4. Formação bíblico-doutrinal

81. O anúncio querigmático requer uma formação bíblico-doutrinal, mediante um aprofundado conhecimento da Palavra de Deus e dos conteúdos da fé, “visto que esta é a única maneira de amadurecer a experiência religiosa. Nesse caminho, acentuadamente vivencial e comunitário, a formação doutrinal não se experimenta como conhecimento teórico e frio, mas como meio fundamental e necessário no crescimento espiritual, pessoal e comunitário” (cf. DAp, n. 226c).

Esta dinâmica do anúncio querigmático encontra nos Atos dos Apóstolos exemplos clássicos e preciosos. Depois que Pedro, em discurso, dirigiu-se ao povo reunido, repassando os conteúdos da fé em Cristo Jesus, todos unânimes disseram uns aos outros: “Irmãos, que devemos fazer?” (At 2,37). Ficaram todos tocados no fundo do coração pela força de uma compreensão, amorosa e nova, do mistério da paixão, morte e ressurreição do Senhor.

5.5. Cultivar uma enraizada paixão por Cristo

82. O Santo Padre, Bento XVI, no seu discurso inaugural da V Conferência Geral dos Bispos da América Latina e do Caribe, disse que “quando o discípulo está apaixonado por Cristo, não pode deixar de anunciar ao mundo que só Ele salva (At 4,12)” (DAp, n. 146). “A admiração pela pessoa de Jesus, seu chamado e seu olhar de amor despertam uma resposta consciente e livre desde o mais íntimo do coração do discípulo, uma adesão a toda a sua pessoa ao saber que Cristo o chama pelo nome (cf. Jo 10,3). É um ‘sim’ que empenha radicalmente a liberdade do discípulo a se entregar a Jesus, caminho, verdade e vida (cf. Jo 14,6). É uma resposta de amor a quem o amou por primeiro ‘até o fim’ (cf. Jo 13,1)” (DAp, n. 136). Este cultivo da admiração permanente ao Senhor e Mestre, para que o discípulo fique parecido com Ele, requer que se assuma a centralidade do mandamento do amor que Ele quis chamar seu e novo: “Amai-vos uns aos outros, assim como eu vos amei” (Jo 15,12). Este é o diferencial de todo cristão e da Igreja também, comunidade discipula de Cristo, cujo testemunho de caridade fraterna será o primeiro e principal anúncio: “Nisto conhecerão todos que sois os meus discípulos” (Jo 13,35). Este seguimento que assemelha o discípulo ao mestre Jesus inclui a exigência de compartilhar seu destino, a cruz, pela vivência de seu mistério pascal (cf. Mt 16,17).

5.6. Alegria de ser discípulo missionário no anúncio do Evangelho de Jesus Cristo

83. Só pode fazer, com eficácia e fecundidade, o anúncio querigmático quem experimenta a alegria de ser discípulo missionário; quem compreendeu que ser cristão não é um peso, mas um dom (cf. DAp, n. 28) pois o querigma é a Boa Nova da Vida. Esta alegria deve ser cultivada no coração do discípulo missionário de maneira forte, a fim de que possa ser transmitida, contagiando a “todos os homens e mulheres feridos pelas adversidades” (DAp, n. 29). A alegria do discípulo missionário é antídoto ao mundo atemorizado pelo futuro e oprimido pela violência e pelo ódio. Sua alegria não é um sentimento de bem-estar egoísta, mas uma certeza que brota da fé, que serena o coração e o capacita para anunciar a Boa Nova do amor de Deus. “Conhecer Jesus é o melhor presente que qualquer pessoa pode receber: tê-Lo encontrado foi o melhor que ocorreu em nossas vidas, e fazê-Lo conhecido com nossa palavra e obras é nossa alegria” (DAp, n. 29).

6. Maria, apóstola do querigma

84. Dirigindo-se à Maria, o anjo anunciou: “Alegra-te cheia de graça! O Senhor está contigo’. Ela perturbou-se com estas palavras e começou a pensar qual seria o significado da saudação. O anjo, então disse: ‘Não tenhas medo, Maria! Encontraste graça junto a Deus. Conceberás e darás à luz um filho, e lhe porás o nome de Jesus. Ele será grande; será chamado Filho do Altíssimo, e o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai. Ele reinará para sempre sobre a descendência de Jacó e o seu reino não terá fim” (Lc 1,28-33). A escolha de Deus determina o rumo novo da vida daquela jovem. A escolha é de Deus. Nesta escolha está a

fonte inesgotável da graça que realiza maravilhas superando a natureza e os limites das circunstâncias comuns. Um desafio existencial que gera no coração a condição de discípula e firma a dignidade de filha predileta do Pai. Maria alcança, pelo diálogo com o anjo, as medidas incomensuráveis do amor de Deus, para quem “nada é impossível”. Do seu coração brota a resposta que revela sua corajosa e amorosa adesão à vontade de Deus: “Eis aqui a serva do Senhor! Faça-se em mim segundo a tua palavra” (Lc 1,38). E nela se realizou a magnificência do mistério do amor de Deus Pai pela encarnação do Verbo, Cristo Jesus, por obra e graça do Espírito Santo. Maria escuta e acolhe o querigma da Anunciação e se torna, em consequência, pela graça da experiência, apóstola deste querigma.

85. “Quando Isabel ouviu a saudação de Maria, a criança pulou de alegria em seu ventre e Isabel ficou repleta do Espírito Santo. Com voz forte, ela exclamou: ‘Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre! Como mereço que a Mãe do meu Senhor venha me visitar? Logo que a tua saudação ressoou nos meus ouvidos, o menino pulou de alegria no meu ventre’ (Lc 1,41-44). A presença amorosa de Maria na casa de Isabel revela a força de sua intimidade com Deus: filha predileta do Pai, mãe do Filho e esposa do Espírito Santo. Esta intimidade irradiada torna-se anúncio que plenifica do Espírito Santo o coração de Isabel, levando-a a proclamar o seu encantado reconhecimento por Deus. O gesto missionário de Maria que vai ao encontro de sua parenta, e com ela permanece por três meses, torna-se modelo do anúncio que o discípulo missionário apaixonado por Jesus Cristo é chamado a viver e a testemunhar. O gesto tem força de anúncio pela qualidade da presença daquela que vivia uma intimidade profunda e amorosa com o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

86. “Sua Mãe disse aos que estavam servindo: Fazei tudo o que ele vos disser” (Jo 2,5). O convite a obedecer a Jesus abre as portas para a realização da nova e eterna Aliança. A escuta profunda de sua Palavra, como gesto de obediência amorosa e de confiança incondicional é exigência do discipulado missionário. Maria desperta nos servidores da festa a disponibilidade para o serviço. O vinho novo, da alegria pela presença do Esposo, só Jesus pode garantir e oferecer.
87. “Junto à cruz de Jesus estavam de pé sua mãe e a irmã de sua mãe, Maria de Cléofas e Maria Madalena. Jesus, ao ver sua mãe e, ao lado dela, o discípulo que ele amava, disse à mãe: ‘Mulher, eis o teu filho! Depois, disse ao discípulo: Eis a tua mãe!’” (Jo 19,25-27a). A presença amorosa de Maria, Mãe, junto à cruz de Jesus convida o discípulo missionário a fixar o seu olhar, sem titubear, na fonte inesgotável do mistério da graça e da salvação de Deus.
88. Maria, apóstola do querigma, é referência e modelo para todos os discípulos missionários na vida da Igreja em constante Missão. Ela “é a grande missionária, continuadora da missão do seu Filho e formadora de missionários. Ela, da mesma forma como deu à luz o Salvador do mundo, trouxe o Evangelho à nossa América. Ela tem feito parte do caminhar de nossos povos, entrando profundamente no tecido de sua história e acolhendo as ações mais nobres e significativas de sua gente. Os diversos títulos e santuários espalhados por todo o continente testemunham a presença próxima de Maria às pessoas, e ao mesmo tempo manifestam a fé e confiança que os devotos sentem por ela. Ela pertence a eles e eles a sentem como mãe e irmã” (DAp, n. 269).

CONCLUSÃO

89. “A proclamação da Palavra de Deus é decisiva para a fé do cristão. Ela possibilita o acolhimento livre do anúncio salvífico da pessoa de Cristo, acolhimento este possibilitado pela atuação do Espírito Santo” (DGAE, n. 61). Esta proclamação querigmática da Palavra é, pois, indispensável. É uma alavanca para manter acesa a consciência alegre do dom de ser discípulo. É preciso acolher e escutar o querigma, este anúncio convicto e ungido da Palavra de Deus, gerando e renovando o gosto da adesão à pessoa de Jesus Cristo. A pregação da Palavra de Deus, portanto, em todas as circunstâncias e por meio de todos os que a anunciam, deve “ajudar os membros da Igreja a se encontrar sempre com Cristo, e assim reconhecer, acolher, interiorizar e desenvolver a experiência e os valores que constituem a própria identidade e missão cristã no mundo” (DAp, n. 279). O anúncio querigmático proporciona a experiência em que “o poder do Espírito e da Palavra contagiam as pessoas e as levam a escutar Jesus Cristo, a crer n’Ele como seu Salvador, a reconhecê-Lo como quem dá pleno significado a suas vidas e a seguir seus passos” (DAp, n. 279).